

# **Passeio público do Rio de Janeiro e uma história que pode ser revista: os catarinenses Xavier das Conchas e Xavier dos Pássaros<sup>1</sup>**

**Fabiana Machado Didoné**

Mestre em Artes Visuais, na linha de Teoria e História da Arte, pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Possui graduação em Bacharelado em Artes Visuais pela mesma instituição e em Administração pela Universidade Federal de Santa Catarina. Ministra aulas de História da Arte no Espaço Artístico NaCasa, em Florianópolis. E-mail: [fabididone@gmail.com](mailto:fabididone@gmail.com)

**Sandra Makowiecky**

Professora de Estética e História da Arte do Centro de Artes da UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis – Santa Catarina – Brasil e do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, na linha de Teoria e História da Arte. É membro da Associação Internacional de Críticos de Arte - Seção Brasil Aica UNESCO. Membro do Comitê Brasileiro de História da arte. Associada da ANPAP. E-mail: [sandra.makowiecky@gmail.com](mailto:sandra.makowiecky@gmail.com)

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo atualizar e lançar luzes sobre uma história um pouco esquecida de artistas de Santa Catarina que trabalharam junto a Mestre Valentim, na concepção do Passeio Público do Rio de Janeiro, em 1779. O site do Passeio Público se refere aos artistas Francisco Xavier Cardoso, *o Xavier dos Pássaros* e Francisco dos Santos Xavier, *o Xavier das Conchas* como sendo cariocas, porém os mesmos são catarinenses e gostaríamos de registrar a correção da informação. Ao pesquisarmos documentos do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, encontramos o texto *Mestre Valentim e a arte catarinense* (1918), de Henrique Boiteux, o qual afirma esse fato e serviu como ponto de partida para a presente pesquisa.

**Palavras-chave:** passeio público do Rio de Janeiro, Mestre Valentim, arte catarinense

## **Passeio público in Rio de Janeiro and a story that may be revised: the catarinenses Xavier das Conchas and Xavier dos Pássaros**

**Abstract:** This article aims to update and shed light on a forgotten story of artists from Santa Catarina who worked beside Mestre Valentim, the design of the Passeio Público in Rio de Janeiro, in 1779. The web site of the Passeio Público refers to artists Francisco Xavier Cardoso, *Xavier dos Pássaros* and Francisco Xavier dos Santos, *Xavier das Conchas* as cariocas, however, they are catarinenses and we would like to register the correction information. While studying documents of the Instituto Histórico e Geográfico from Santa Catarina, we found the text *Mestre Valentim e a arte catarinense* (1918), by Henrique Boiteux, which states that fact and served as the starting point for this research.

**Keywords:** passeio público in Rio de Janeiro, Mestre Valentim, art from Santa Catarina

## 1. Sobre o Passeio Público e Mestre Valentim

O *web site* do Passeio Público fornece informações variadas sobre a história do passeio, desde a sua construção e inauguração, passando pelas reformas que sofreu, chegando aos dias de hoje. O Passeio Público foi construído entre os anos de 1779 e 1783, sendo o primeiro jardim público (ou parque ajardinado) da cidade e do país. Logo nos primeiros anos após a sua construção, valorizou a região de entorno e se tornou um dos principais pontos de encontro da sociedade carioca que ali se reunia para ler poemas, ouvir música e praticar o *footing*. Não nos deteremos em incluir fatos dos mais relevantes sobre a história do passeio nos séculos XIX e XX, desde o abandono até as reformas que sofreu, pois estes fatos já são de conhecimento público e fruto de pesquisas aprofundadas.

Naquele local existia a lagoa do Boqueirão que, assim como diversas lagoas da cidade, era utilizada para despejo dos dejetos da população, tornando-a insalubre e foco de doenças. Após uma forte epidemia de gripe e febre que atingiu grande parte da população carioca em meados do século XVIII, o então vice-rei do Estado do Brasil, D. Luís de Vasconcelos, ordenou o aterro da lagoa com material proveniente do desmonte do pequeno Morro das Mangueiras e, sobre o aterro, mandou construir um jardim público. O aterramento da lagoa gerou uma área total de 20 hectares que foi ocupada não só pelo Passeio Público, mas também por residências, ruas de acesso ao parque e um cais, para proteger o jardim das ondas do mar. A tarefa de projetar e construir o Passeio Público foi atribuída, segundo Boiteux (1918, p.98), ao “glorioso arquiteto nacional” Valentim da Fonseca e Silva (1745-1813), conhecido como Mestre Valentim, um dos maiores artistas do período colonial brasileiro.

O Passeio Público foi projetado por Mestre Valentim seguindo o estilo francês, pautado na linearidade, regularidade e geometrização, características assimiladas do modelo iluminista que despontava na Europa. Conforme afirma Silva (2006, p.32), “a inserção do ideal de cidade iluminista, com seus aspectos racionais, salutar e estéticos” vinha sendo intensificada desde 1763, quando a cidade foi elevada à condição de sede do vice-reinado. O pensamento iluminista, baseado no racionalismo, propunha uma nova relação do homem com a natureza, sendo esta se apresentando como fonte de conhecimento e deleite.

Mestre Valentim desenhou um jardim totalmente plano, com planta em forma de trapézio, ruas em linhas retas e uma praça central. O jardim era cercado por um muro alto com grades de ferro. Na entrada, dois pilares de pedra firmavam um vistoso portão de ferro, concebido por Mestre Valentim, apresentando elementos típicos da obra do artista, como guirlandas, margaridas, plumas, folhagens estilizadas e rocalhas. Em seu interior podia-se contemplar, além de variadas espécies da flora nacional e estrangeira, obras de arte confeccionadas por Mestre Valentim, como chafarizes, esculturas e pirâmides. Dessas obras originais, existe atualmente no Passeio, o Portão principal, a Fonte dos Amores (com estátuas de jacarés em bronze, conhecido também por Chafariz dos Jacarés) o Chafariz do Menino (a escultura atual do menino não é a original - já desaparecida) e os dois Obeliscos. Os abacaxis de ferro confeccionados por Mestre Valentim desapareceram.

No fundo do jardim, quatro escadas de pedra levavam a um terraço sobre a Baía de Guanabara. O terraço possuía cerca de 10 metros de largura com piso de mármore policromado e cercado por uma balaustrada de bronze com lampiões à base de óleo de peixe. Junto ao parapeito, havia bancos de alvenaria revestidos com azulejos de inspiração mourisca. Para ornamentar o terraço do passeio, Mestre Valentin construiu dois pavilhões quadrangulares que funcionavam como mirantes e tinham em seu interior dezesseis painéis elípticos pintados pelo então destacado artista Leandro Joaquim (1738-1798) retratando cenas marítimas, cotidianas e produtos regionais. Do total das obras, apenas seis chegaram aos dias atuais e fazem parte do acervo do Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro e Museu Nacional de Belas Artes, sendo uma delas mostrada na figura 01, a qual retrata a Lagoa do Boqueirão, antes do aterro para a construção do Passeio.



Figura 01 – Leandro Joaquim, *Vista da Lagoa do Boqueirão e do Aqueduto de Santa Teresa*, ca. 1790  
óleo sobre tela - 86 x 105 cm - Museu Histórico Nacional (Rio de Janeiro, RJ)

É nesse momento que surgem os nomes de Francisco Xavier Cardoso Caldeira, conhecido como *Xavier dos Pássaros* e Francisco dos Santos Xavier, conhecido como *Xavier das Conchas*, solicitados para trabalhar com Mestre Valentim na execução do Passeio e que foram responsáveis pela ornamentação dos pavilhões, cada qual ao seu estilo. Os dois pavilhões quadrangulares que se levantavam nas extremidades do terraço fronteiro ao mar eram semelhantes no exterior, porém diferiam nos ornamentos do interior. Nas partes externas, eram decorados com vasos de mármore de onde saíam abacaxis de metal, fundidos por Mestre Valentim nas fornalhas da Casa do Trem. Os pavilhões possuíam quatro janelas envidraçadas e duas portas de dobrar. O pavilhão da direita, chamado de **Apollo**, era coroado com uma estátua do deus Apolo tocando lira, em mármore português, foi ornamentado por Xavier dos Pássaros. Nesta construção, desenhos de árvores adornavam o interior, cujas telas (maiores que as do outro espaço) traziam imagens de produtos da terra como cana-de-açúcar, mandioca e café<sup>2</sup>. Nesse, o teto dividia-se em cinco grandes quadros enfeitados de arabescos, palmas e flores formados por penas de diversas cores, sobre fundo branco, segundo Ladislau Neto (apud Boiteux, 1940, p.12) “tudo tão perfeitamente acabado que produzia uma suave ilusão”. As sobre-portas eram decoradas também com penas e possuíam quadros elípticos nas paredes feitos a pincel, representando diferentes fábricas e ofícios do país. O teto decorado com trabalhos de conchas e ornamentado nas cornijas por desenhos de pássaros e penas de aves de diferentes cores, “fingindo flores” ou mostrando aspectos da cidade. As paredes desse pavilhão exibiam oito painéis elípticos pintados por Leandro Joaquim, que representavam produtos da terra, todos perdidos: minas de ouro e diamantes; plantações de cana-de-açúcar e seu respectivo engenho; cultura e preparação do anil; plantação do cactus *opuntia* com a maneira de extrair a conchonilha; mandioca e seus derivados; pés de cânhamo; manufatura de cordoalha.

Já o pavilhão da esquerda, conhecido como **Mercúrio**, também coroado por uma estátua do deus Mercúrio, em mármore português, ficou a cargo de Xavier das Conchas. Nesse, itens marítimos foram lembrados e os quadros retratavam o cotidiano carioca e cenas do mar, como a caca às baleias<sup>3</sup>. Os cinco quadros do teto eram ornados com conchas, no lugar das penas, sobre fundo azul. As sobre-portas eram ornamentadas com espécies de peixes dos mares brasileiros, feitos com peles e escamas. As paredes desse

pavilhão exibiam oito painéis elípticos pintados por Leandro Joaquim, que representavam cenas marítimas e cotidianas do Rio de Janeiro, dos quais sobram ainda seis: Entrada da Barra (perdida); Incêndio de uma grande nau holandesa (perdida); Cena Marítima; Revista Militar no Largo do Paço; Pesca da Baleia; Procissão ou Romaria Marítima ao Hospital dos Lázaros ; Vista da Igreja da Glória; Vista da Lagoa do Boqueirão e Arcos da Carioca. Os mirantes eram considerados então a maior atração da cidade<sup>4</sup>. Ainda, segundo Ladislau Neto (apud Boiteux, 1940, p.13), “todos estes encantos da arte gozavam-se também de noite, ao clarão de oito lampiões, trabalhados com esmero e colocados na extensão do terraço”. No lado de fora, vasos com abacaxis de metal complementavam o visual. Para Joaquim Manoel de Macedo (apud Boiteux, 1940, p.13), o trabalho executado pelos dois Xavier, “encantavam pela sua delicadeza e perfeição, chegando os baixos-relevos a parecer antes obras da natureza do que de arte”.

Os pavilhões foram constantemente atingidos pelas ressacas e demolidos completamente no ano de 1817, para a ampliação do espaço do terraço. Mais precisamente no ano de 1841, o Passeio sofre uma pequena reforma de manutenção. Os antigos pavilhões quadrangulares, já destruídos em 1817, foram substituídos por torreões octogonais<sup>5</sup>. A figura 02 retrata o terraço à beira-mar e um dos torreões octogonais, portanto não é imagem dos primeiros pavilhões. É possível observar também outros elementos arquitetônicos do espaço que foram mencionados anteriormente, como os bancos de alvenaria decorados com azulejos, as luminárias, o piso decorado e o jardim do passeio ao fundo. Conforme consta no *web site* do passeio público, durante o período colonial, diversos viajantes estrangeiros aportaram no Rio de Janeiro e descreveram os pavilhões como uma grande atração da cidade, chegando a chamá-los de *summer houses*.



Figura 02: Ribeiro, A. *Terraço do Passeio Público: Rio de Janeiro [Iconográfico]*  
Fotografia - Fonte: Acervo Digital da Biblioteca Nacional

Segundo o texto *Mestre Valentim e a arte catarinense*, escrito em 1918 por Henrique Boiteux e que consta nos arquivos do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, tanto o Xavier dos Pássaros como o Xavier das Conchas eram artistas catarinenses que foram ao Rio de Janeiro trabalhar com Mestre Valentim, como indica o seguinte trecho “a arte cultivada pelos catarinenses e que embora hoje, um tanto desprezada, contribuiu para realce e encanto da obra de Valentim da Fonseca e Silva” (Boiteux, 1918, p.104). Essa informação é novamente confirmada no livro *Santa Catarina nas Belas Artes*, também escrito por Henrique Boiteux, no capítulo onde trata sobre a *Propensão artística catarinense*. Nele, o autor apresenta, entre outras, citações de Ladislau Neto, antigo diretor do Museu Nacional, afirmando que ambos artistas eram naturais de Santa Catarina. Essas duas fontes forneceram relevantes informações sobre os dois artistas catarinense que serviram de ponto de partida para a pesquisa sobre os mesmos, conforme será apresentada a seguir. Em pesquisa na Hemeroteca Digital, quanto à jornais de Santa Catarina, não encontramos nenhuma referência ao Passeio Público, ao Mestre Valentim e aos dois catarinenses, Xavier das Conchas e Xavier dos Pássaros. Cabe dizer que o jornal mais antigo de Santa Catarina é *O Catharinense* de 1831, sendo que Xavier dos Pássaros faleceu em 1810 e Xavier das Conchas faleceu em 1814. Nos textos que localizamos, consta a ligação com as famílias Silva Mafra e Silveira de Souza , com tradição na arte e cultura catarinense.

## **2. Sobre Francisco Xavier Cardoso Caldeira (Xavier dos Pássaros)**

Francisco Xavier Cardoso Caldeira (Florianópolis, ? – Rio de Janeiro, 1810), o Xavier dos Pássaros, era um artista primoroso em trabalhos de penas e escamas de peixes, ensinamentos recebidos da família Silva Mafra. Após a finalização dos trabalhos no Passeio Público, foi indicado por D. Luís de Vasconcelos, vice-rei do Brasil, para criar e dirigir o Museu de História Natural no Rio de Janeiro. Junto à obra da edificação do Museu, Caldeira improvisou um depósito de produtos zoológicos do Brasil, destinado a enriquecer as coleções brasileiras do futuro museu. Para tanto, encomendou aos governadores das

capitanias a remessa de espécies raras. O dito depósito passou a se chamar oficialmente de Casa de História Natural e ficou conhecido da população como Casa dos Pássaros. Recebeu título de Inspetor e foi responsável pela direção do incipiente museu. Como cientista, realizou diversos estudos taxidérmicos e ornitológicos. O local tornou-se o mais completo relicário ornitológico brasileiro. Segundo Ladislau Neto (apud Boiteux, 1940, p.11), antigo diretor do Museu Nacional, Xavier dos Pássaros “pode ser apontado como o primeiro representante de Santa Catarina na confecção de objetos artísticos, de conchas, de penas e de escamas, que adornaram as composições industriais do Rio de Janeiro”. Ele dirigiu a Casa de História Natural por 20 anos, acumulando milhares de exemplares de pássaros e de muitos outros animais. Após seu falecimento, em 1810, a Casa de Pássaros foi extinta e as coleções organizadas e classificadas por Xavier foram encaixotadas e conduzidas ao Arsenal do Exército, lá conservadas por algum tempo e depois destruídas. Deixou como discípulo João de Deus Mattos, a quem ensinou lições de taxidermia e mais tarde ocupou o cargo de diretor interino do Museu.

### **3. Sobre Francisco dos Santos Xavier (Xavier das Conchas)**

Francisco dos Santos Xavier, o Xavier das Conchas (Florianópolis, 1739- Rio de Janeiro, 1814), possuía grande habilidade em trabalhos com conchas. Serviu como soldado por mais 32 anos em Santa Catarina, nesse período casou-se, teve dois filhos e ficou viúvo. Foi ao Rio de Janeiro, acompanhado pelos dois filhos, nomeado por D. Luís de Vasconcelos, para aplicar seu conhecimento na construção do Passeio Público, ficando na cidade até seu falecimento em 05/06/1814. Na época, ocupava o posto de Tenente Coronel e ainda de Governador da fortaleza da Conceição. O Museu do Oratório, em Ouro Preto (MG), possui em seu acervo quatro peças de provável autoria de Xavier da Conchas. São pequenos oratórios adornados com guirlandas, buques e volutas, usando principalmente conchas na sua composição, conforme a seguinte descrição das obras no *web site* do museu, “a estrutura das peças é elaborada em uma série de aramados bem finos e cobertos por tecido e linha. Depois, são recobertos por ornamentos em folhagens, tecido e conchas”, sendo que uma delas pode ser observada na figura 03. Segundo a análise estilística do

Museu, os oratórios são em estilo rococó inspirado na decoração de fontes e grutas por conchas que compõem grandes guirlandas de flores que ornamentam o camarim. De fatura erudita, eles apresentam traços delicados e bem elaborados. Planejados em movimentos suaves, com torções leves e policromia vistosa. O período de produção fica entre o final do século XVIII e início do século XIX. Consta no *web site* do Museu, que Francisco Xavier dos Santos teria nascido no Rio de Janeiro em 1739 e falecido em 5 de junho de 1804 na Fazenda Conceição. Outra obra do autor encontra-se na Igreja de Nossa Senhora do Outeiro da Glória do Rio de Janeiro. Conforme Pires (2013), trata-se de um oratório com imagem de São João Batista.



Figura 03 – Francisco dos Santos Xavier, *Oratório de conchas* - Fins do séc. XVIII, inícios do séc. XIX  
Material/Técnica: Conchas, folhagens, tecido e madeira. Colagens, douramento e policromia  
Origem: Rio de Janeiro / Procedência: Rio de Janeiro  
Dimensões: 68x34x36 cm – Museu do Oratório, Ouro Preto (MG)

#### 4. Diante do tempo

Nas atuais revisões metodológicas da história da arte, surge o pensamento de Didi-Huberman, que em seus muitos textos, nos alerta para várias questões. Vamos centrar em uma: "Para que serve a história da arte?", pergunta o filósofo Georges Didi-Huberman na epígrafe escolhida por Raul Antelo, em *Tempos de Babel: Destruição e Anacronismo*. A resposta, pouco trivial: "Para muito pouco, se ela se satisfaz com classificar sabiamente objetos já conhecidos, já reconhecidos. Para muito mais, se ela consegue colocar o não-

saber no centro de sua problemática e tornar essa problemática a antecipação, a abertura de um novo saber, de uma forma nova do saber, ou até mesmo da ação" (Didi-Huberman apud Antelo, 2007, p.07). Para entendermos o que está em questão na prática crítica de Antelo, não só neste livro mas em muitos de seus textos, é importante ler aquilo que se segue ao trecho feito epígrafe: Didi-Huberman observa aí que a *grandeza* do historiador Carl Einstein (que, em *Devant le temps*, ele examina, a par de Benjamin, como desbravador de uma nova história anacrônica da arte: uma história atenta às heterogêneas temporalidades constitutivas dos próprios objetos artísticos) não estava na habilidade de classificar ou interpretar melhor que outros estudiosos "objetos já integrados ao corpus da história", mas na capacidade de inventar novos objetos. Palavras que valem do mesmo modo para Antelo, que bem sabe que toda invenção é a contraface de uma destruição. Em seu livro, Raul discorre sobre o saber da história, que como nos diz Didi-Huberman, repousa prioritariamente no não-saber como indispensável abertura ao novo.

Esse não-saber solicita a destruição de antigas convenções, como, aliás, nos ensinara Benjamin (1999, p.536-40), destruição essa que se ativa a partir, justamente, da consciência histórica, cuja mais profunda emoção é uma insuperável desconfiança com relação à vida e uma disponibilidade permanente para reconhecer que tudo nela pode dar errado. Autoconfiante, a destruição acredita que nada é permanente mas, por essa mesma convicção, o destruidor vê saídas por toda parte e, onde outros só encontram muros ou montanhas, ele, mesmo assim, vê uma saída. Mas porque ele vê uma saída por toda parte, o crítico que pratica destruição precisa se desvencilhar das coisas, espalhando-as também por toda parte. Nem sempre por meio da força bruta. Às vezes, por via mais refinada ou sutil. Justamente porque quem destrói vê alternativas por toda parte, ele está sempre postado numa encruzilhada. No entanto, como ele nunca sabe, ao certo, o que o futuro lhe depara, o crítico que destrói reduz tudo quanto existe a escombros, não em nome do culto romântico às ruínas, mas em virtude da saída que, não obstante, elas lhe permitem vislumbrar. É, então, na história da arte, interrogar o objeto "história", a própria historicidade.

Esta poderia ser a aposta do presente trabalho, qual seja, o de estimular uma arqueologia crítica dos modelos do tempo, dos valores de uso do tempo na disciplina histórica que desejou fazer das imagens seus objetos de estudo. Questão tão vital, concreta e cotidiana – cada gesto, cada decisão do historiador, desde a mais humilde classificação de

suas fichas até suas mais altas ambições sintéticas revelam, a cada vez, uma escolha de tempo, um ato de temporalização, que é difícil de ser clarificada. Muito rapidamente, mostra-se, aqui, que nada permanece por muito tempo na serena luz das evidências. Todavia, as palavras de Raul Antelo pouco se aplicam a este trabalho. Queríamos evidenciar o trabalho dos dois catarinenses. Na ausência de imagens do que foi destruído, resta-nos recuperar e não deixar cair no esquecimento, um dado que, se não cria um novo conhecimento, cria ao menos um novo fato: o **os catarinenses Xavier das Conchas e Xavier dos Pássaros** não são cariocas como está dito no site do Passeio Público e no site do Museu do Oratório, em Ouro Preto, Minas Gerais; eles são catarinenses, aliás, pouco conhecidos em sua terra natal. Sabendo também que o vistoso portão de ferro do Passeio Público, concebido por Mestre Valentim, apresenta elementos típicos da obra do artista, como guirlandas, margaridas, plumas, folhagens estilizadas e rocalhas, conforme pode ser observado na figura 04, e sabendo que Xavier das Conchas e Xavier dos Pássaros eram seus auxiliares, podemos supor que também tiveram participação na concepção do portão. Mas isto não se pode afirmar, ao menos por enquanto. Não existe aqui uma destruição, nem um novo conhecimento. Apenas um reordenamento em classificação de fichas, que mesmo em sua simplicidade nos agrada.



Figura 04 – Inauguração do portão principal do Passeio Público  
Fins de XVIII – anônimo

Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Passeio\\_P%C3%BAblico\\_\(Rio\\_de\\_Janeiro\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Passeio_P%C3%BAblico_(Rio_de_Janeiro))

### Referências Bibliográficas:

ANTELO, R. *Tempos de Babel: anacronismo e destruição*. São Paulo: Lumme Editor, 2007.

BENJAMIN, Walter - “The Destructive Character” in *Selected writings. Volume II 1927-1934*. Trans. R. Livingstone et al. Ed. M.W. Jennings, H. Eiland and G. Smith. Cambridge, Harvard University Press, 1999.

BIBLIOTECA NACIONAL - Acervo Digital. Disponível em:

[http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_iconografia/icon211917/icon211917\\_17.jpg](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon211917/icon211917_17.jpg). Acesso em 15/06/2014

BOITEUX, H. *Mestre Valentim e a arte catarinense*. Revista trimestral do IHGSC. Volume VII – 1918. Primeiro trimestre.

BOITEUX, H. *Santa Catarina nas Belas Artes*. Rio de Janeiro: Editora Zelio Valverde, 1940.

HISTÓRIA E MONUMENTOS (blogspot). Disponível em <

<http://historiasemonumentos.blogspot.com.br/2014/04/passeio-publico-do-rio-de-janeiro1779.html>. Acesso em 20/07/2014.

MACEDO, Joaquim M. de. *Um Passeio pela cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Garnier, 1991

MUSEU DO ORATÓRIO de Ouro Preto/MG (web site). Disponível em

<http://www.museudooratorio.com.br/port/colecao>. Acesso em 15/06/2014

PASSEIO PÚBLICO do Rio de Janeiro (web site). Disponível em

<http://www.passeiopublico.com/htm/pavilhoes.asp>. Acesso em 22/06/2014

PASSEIO PÚBLICO – Posto Seis (web site). Disponível em <

<http://postoseis.com.br/default.aspx?pagegrid=pages&pagecode=172>>. Acesso em 07/08/2014

PIRES, Fernando Tasso Fragoso. *Nossa Senhora da Glória do Outeiro*. Imperial Irmandade. Rio de Janeiro, Gráfica Sol, 2013. ISBN 978-85-66022-02-5

SILVA, Denise Maria Deodato. *Em busca de uma cidade ideal: Representações de poder no Rio de Janeiro do Vice-Reinado*. História, imagem e narrativas. No.2, ano 1, abril/2006. Pag. 32 – ISSN 1808-9895. Disponível em <http://www.historiaimagem.com.br/edicao2abril2006/cidadeideal.pdf>. Acesso em 15/06/2014

VILLAS- BOAS, Naylor Barbosa. A Reconstrução Virtual do Antigo Passeio Público de Mestre Valentim: Metodologia de Pesquisa. Disponível em < <http://cumincades.scix.net/data/works/att/e142.content.pdf>>. Acesso em 24/07/2014.

---

<sup>1</sup> Este artigo foi apresentado no V Seminário do Museu D. João VI. Coleções de arte: formação, exibição e ensino. Realizado em 12, 13 e 14/08/2014, no Rio de Janeiro.

<sup>2</sup> Passeio Publico. Disponível em < <http://postoseis.com.br/default.aspx?pagegrid=pages&pagecode=172>>. Acesso em 07 ago. 2014

<sup>3</sup> Passeio Publico. Disponível em < <http://postoseis.com.br/default.aspx?pagegrid=pages&pagecode=172>>. Acesso em 07 ago. 2014.

<sup>4</sup> Disponível em < <http://historiasemonumentos.blogspot.com.br/2014/04/passeio-publico-do-rio-de-janeiro1779.html>>. Acesso em 20 jul. 2014.

<sup>5</sup> Villas- Boas, Naylor Barbosa. A Reconstrução Virtual do Antigo Passeio Público de Mestre Valentim: Metodologia de Pesquisa. Disponível em < <http://cumincades.scix.net/data/works/att/e142.content.pdf>>. Acesso em 24 de julho de 2014.